

Psicologia da Educação: fundamentos para uma prática pedagógica transformadora**Educational Psychology: foundations for a transformative pedagogical practice****Psicología de la Educación: fundamentos para una práctica pedagógica transformadora**

DOI: 10.5281/zenodo.17532304

Recebido: 02 nov 2025

Aprovado: 04 nov 2025

Jefferson de Oliveira

Graduando em Matemática

Universidade de Passo Fundo - UPF

Passo Fundo - Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: 190608@upf.br

RESUMO

Este artigo, desenvolvido durante a disciplina Psicologia da Educação, no curso de Matemática da Universidade de Passo Fundo (UPF), articula teorias do desenvolvimento humano com práticas pedagógicas críticas. Com base em autores como Piaget, Vygotsky e Freud, e na análise de documentários e séries, investiga como transformar a sala de aula em espaço de resistência pedagógica. A metodologia envolveu leitura teórica, análise audiovisual e reflexão prática. Os resultados apontam que vínculos afetivos, mediação qualificada, metodologias ativas e escuta empática são essenciais para uma educação inclusiva, significativa e transformadora.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano. Resistência pedagógica. Psicologia da educação.

ABSTRACT

This article, developed within the scope of the Educational Psychology course in the Mathematics program at the University of Passo Fundo (UPF), integrates theories of human development with critical pedagogical practices. Drawing on foundational thinkers such as Piaget, Vygotsky, and Freud, as well as the analysis of documentaries and television series, it explores how the classroom can be transformed into a space of pedagogical resistance. The methodology comprised theoretical readings, audiovisual analysis, and practical reflection. The findings indicate that affective bonds, qualified mediation, active methodologies, and empathetic listening are essential components of an inclusive, meaningful, and transformative education.

Keywords: Human development. Pedagogical resistance. Educational psychology.

RESUMEN

Este artículo, desarrollado en el marco de la asignatura Psicología de la Educación, en el curso de Matemática de la Universidad de Passo Fundo (UPF), articula teorías del desarrollo humano con prácticas pedagógicas críticas. Basándose en autores como Piaget, Vygotsky y Freud, así como en el análisis de documentales y series, investiga cómo transformar el aula en un espacio de resistencia pedagógica. La metodología empleada incluyó lecturas teóricas, análisis audiovisual y reflexión práctica. Los resultados señalan que los vínculos afectivos, la mediación cualificada, las metodologías activas y la escucha empática son elementos esenciales para una educación inclusiva, significativa y transformadora.

Palabras clave: Desarrollo humano. Resistencia pedagógica. Psicología de la educación.

1. INTRODUÇÃO

O artigo foi desenvolvido conforme os princípios e conteúdos previstos no plano de ensino da disciplina Psicologia da Educação, durante o segundo período letivo de 2025. A proposta pedagógica da disciplina, ministrada pela professora Denise Gelain, doutora na área, teve como foco o estudo das principais vertentes teóricas sobre o desenvolvimento humano e a aprendizagem, com ênfase nas dimensões cognitiva, social, afetiva e histórico-cultural. A produção do artigo articulou os fundamentos psicológicos do processo ensino-aprendizagem com as implicações práticas para a atuação docente, conforme os objetivos gerais e específicos da disciplina.

A construção teórica do texto considerou os conceitos introdutórios da Psicologia da Educação, o ciclo vital com foco na infância e adolescência, e as contribuições de autores como Piaget, Vygotsky, Freud, Bandura, Bronfenbrenner, Wallon e Erikson. Também foram analisadas as concepções inatista, ambientalista e interacionista, além dos fatores psicossociais que impactam o contexto escolar, como bullying, indisciplina e a relação escola-família. A articulação entre competências socioemocionais e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também foi contemplada, conforme previsto no conteúdo programático.

A metodologia adotada para a disciplina, baseada em encontros presenciais quinzenais e atividades assíncronas via Moodle, favoreceu a aprendizagem ativa e significativa. O artigo foi elaborado a partir de atividades como leitura crítica de textos acadêmicos, análise de documentários e séries, produção de resenhas e sínteses reflexivas, conforme as propostas de avaliação formativa e somativa descritas no plano.

Especificamente, foram utilizados como referência os documentários “O Começo da Vida”, “O Começo da Vida 2: Lá Fora” e “Nunca Me Sonharam”, além dos episódios da série “Adolescência”, cujas análises foram integradas ao artigo com base em fundamentos teóricos e reflexões críticas sobre o desenvolvimento humano e os desafios educacionais contemporâneos.

A bibliografia utilizada incluiu obras de Carrara e Montoya, Cória-Sabini, Cunha, entre outros autores recomendados no plano, além de referências complementares disponíveis no acervo virtual da UPF. A produção textual seguiu os critérios de clareza, coerência, fundamentação teórica e pertinência didático-pedagógica, conforme os parâmetros de avaliação estabelecidos pela disciplina.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento deste artigo parte da compreensão de que a Psicologia da Educação é um campo essencial para pensar a prática pedagógica de forma crítica, ética e transformadora. Ao longo da disciplina,

os estudantes foram convidados a refletir sobre os processos de desenvolvimento humano e aprendizagem, articulando teorias clássicas com os desafios contemporâneos vivenciados no contexto escolar.

A análise das contribuições de autores já citados permitiu compreender que o sujeito em desenvolvimento é atravessado por dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais, e que a aprendizagem ocorre em diálogo com o ambiente, com os vínculos e com as mediações que se estabelecem.

A partir dessa perspectiva, o artigo integrou fundamentos teóricos com experiências práticas, como a análise dos documentários. Essas obras revelam realidades complexas e desafiadoras, como a fragilidade dos vínculos afetivos, a desigualdade social, a violência urbana, a ausência de escuta empática e a desconexão entre escola, família e comunidade. Tais elementos impactam diretamente o desenvolvimento dos estudantes e exigem que a escola se posicione como espaço de acolhimento, proteção e transformação.

No contexto da sala de aula, esses desafios se manifestam em práticas pedagógicas conteudistas, na falta de mediação qualificada e na invisibilização das singularidades dos alunos. A resistência pedagógica, nesse sentido, consiste em romper com a lógica da reprodução e assumir a educação como prática de liberdade, como propõe Paulo Freire.

Isso implica criar ambientes de aprendizagem que valorizem o brincar, o contato com a natureza, a escuta ativa, a construção coletiva do conhecimento e o protagonismo estudantil. A mediação docente, conforme Vygotsky, torna-se fundamental para que os alunos avancem em sua Zona de Desenvolvimento Proximal, superando barreiras e construindo novos saberes.

Além disso, o desenvolvimento do artigo evidencia que a formação docente precisa ser contínua, crítica e sensível às questões socioemocionais. O professor não é apenas transmissor de conteúdo, mas mediador de experiências, construtor de vínculos e agente de transformação. A articulação entre teoria e prática, como proposta na disciplina, permite que os futuros educadores compreendam a complexidade do desenvolvimento humano e atuem de forma ética, reflexiva e comprometida com a construção de uma educação mais justa, inclusiva e significativa.

2.1 A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem: perspectivas teóricas

O artigo de Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes Corrêa define a Psicologia da Educação como um campo de interface entre os saberes psicológicos e as práticas pedagógicas, voltado à compreensão dos processos de desenvolvimento humano e aprendizagem em contextos escolares, onde tal definição está alinhada ao plano de ensino da disciplina.

O texto aborda três correntes teóricas fundamentais: Piaget, Vygotsky e Freud. Piaget compreende o desenvolvimento como um processo ativo, baseado na interação entre o sujeito e o objeto, por meio dos

mecanismos de assimilação, acomodação e equilíbrio. A aprendizagem, para ele, é um epifenômeno do desenvolvimento, ou seja, depende das estruturas cognitivas previamente construídas.

Vygotsky, por sua vez, enfatiza a dimensão social e cultural do desenvolvimento, introduzindo o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que destaca o papel do ensino como promotor do desenvolvimento por meio da mediação. Freud, embora menos usual nesse campo, é resgatado no artigo a partir de uma leitura lacaniana, que considera a sexualidade infantil e os aspectos inconscientes como elementos que influenciam o acesso ao ato de aprender, ampliando a compreensão do sujeito para além da racionalidade cognitiva.

Pensar o sujeito em desenvolvimento no contexto educativo implica reconhecer que a criança e o adolescente não são apenas receptores de conteúdo, mas sujeitos ativos, singulares e complexos, cujas trajetórias são atravessadas por fatores biológicos, sociais, afetivos e culturais. Essa perspectiva exige que o educador considere não apenas o nível de maturação, mas também os interesses, os conflitos, os vínculos e as potencialidades de cada aluno, como previsto no plano de ensino ao abordar temas como bullying, indisciplina e competências socioemocionais.

A Psicologia, nesse sentido, oferece subsídios teóricos e metodológicos para a prática pedagógica, auxiliando no planejamento de ações educativas mais eficazes, sensíveis às necessidades dos estudantes e capazes de promover aprendizagens significativas.

O plano de ensino da disciplina contempla essa contribuição ao propor atividades como análise de documentários, estudos de caso e produção de textos reflexivos, que estimulam o olhar crítico e a articulação entre teoria e prática.

Um aspecto do artigo que se conecta diretamente com as experiências escolares é a discussão sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal - Em uma atividade de reforço escolar, observa-se como a mediação de um colega mais experiente ajuda um aluno com dificuldades a compreender conceitos matemáticos que ele não consegue dominar sozinho - A interação entre os dois, marcada por explicações, exemplos e encorajamento, permite que o aluno avance em seu processo de aprendizagem, evidenciando na prática o que Vygotsky descreve como a importância da mediação social para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

2.2 *O começo da vida*

O documentário “O Começo da Vida” oferece uma abordagem sensível e multifacetada sobre os primeiros anos da infância, destacando a importância dos vínculos afetivos, do ambiente e das interações sociais para o desenvolvimento humano. A partir de depoimentos de especialistas, pais, mães e crianças de

diferentes culturas, o filme constrói uma narrativa que dialoga diretamente com as teorias de Freud, Piaget e Vygotsky, amplamente discutidas na disciplina Psicologia da Educação.

Freud contribui com a compreensão do papel das primeiras relações, especialmente entre mãe e bebê, na constituição psíquica do sujeito. A oralidade, como primeira zona erógena, representa não apenas uma necessidade biológica, mas também um espaço de construção de vínculos e segurança emocional.

Cenas do documentário que mostram o contato físico, o olhar e o acolhimento entre adultos e bebês ilustram essa dimensão afetiva essencial para o desenvolvimento saudável. A ausência de afeto, como sugerido em contextos de vulnerabilidade, pode comprometer a capacidade de aprender e se relacionar, evidenciando a relevância da teoria freudiana na análise das experiências infantis.

Piaget, por sua vez, é evocado nas cenas em que crianças exploram o ambiente, brincam e interagem com objetos, revelando os processos de assimilação, acomodação e equilíbrio. O filme reforça que o conhecimento é construído pela ação do sujeito sobre o objeto, e que o brincar é uma forma privilegiada de aprendizagem, pois permite à criança reorganizar seus esquemas cognitivos e avançar em sua compreensão do mundo - A experiência lógico-matemática, por exemplo, aparece quando uma criança organiza brinquedos por tamanho ou cor, demonstrando coordenação de ações e abstrações reflexionantes. Essa perspectiva propõe práticas pedagógicas ativas e significativas.

Já Vygotsky aparece nas interações sociais que permeiam o cotidiano infantil, evidenciando o papel da mediação, da linguagem e da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). O documentário mostra que, mesmo em contextos de escassez material, a presença de um adulto disponível e afetivo pode potencializar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

A mediação cultural, portanto, é um elemento central para que a criança se aproprie do conhecimento e avance em seu processo de aprendizagem. O professor, nesse contexto, é um mediador entre o aluno e o saber, e sua atuação intencional é decisiva para o desenvolvimento.

Além disso, o filme denuncia os efeitos da desigualdade social sobre o desenvolvimento infantil, apontando para a urgência de políticas públicas que garantam ambientes seguros, afetivos e estimuladores. Freud nos ajuda a compreender os impactos emocionais dessas ausências; Piaget, os prejuízos na construção de esquemas cognitivos; e Vygotsky, a limitação das interações sociais que sustentam o desenvolvimento das funções superiores. A crítica do filme é clara: cuidar da infância é investir no futuro, e isso exige compromisso político, ético e pedagógico.

Em uma experiência vivenciada em escola pública, observa-se como a relação afetiva entre uma professora e uma criança em situação de vulnerabilidade transforma a trajetória de aprendizagem dessa criança. A mediação sensível e o acolhimento possibilitam avanços significativos, confirmando na prática

o que o documentário e os teóricos apontam: o afeto, a ação e a interação são pilares para uma educação transformadora.

Assim, “O Começo da Vida” reafirma que os primeiros anos são decisivos para o desenvolvimento humano, e que educar com base nas teorias de Freud, Piaget e Vygotsky é um compromisso ético e político com a infância e com o futuro. A articulação entre teoria e prática, como propõe o plano de ensino da disciplina Psicologia da Educação, é essencial para formar educadores capazes de compreender e intervir de forma significativa na realidade escolar.

2.3 O começo da vida 2

O documentário “O Começo da Vida 2” destaca o papel transformador da conexão entre crianças e natureza, revelando como essa relação é essencial para o desenvolvimento integral e para a construção de sociedades mais saudáveis e empáticas.

Chama atenção pela forma como evidencia que o contato com ambientes naturais não é apenas benéfico, mas necessário para o desenvolvimento infantil. Especialistas e famílias de diferentes partes do mundo relatam como a natureza estimula a curiosidade, a autonomia e a criatividade das crianças. O aspecto que mais se destaca é a ideia de que a natureza não é um extra na educação, mas um direito e uma necessidade básica para o crescimento saudável - Essa abordagem confronta diretamente a realidade urbana, onde muitas crianças crescem desconectadas do mundo natural.

O contato com a natureza influencia o desenvolvimento cognitivo ao estimular a resolução de problemas, a observação e a experimentação. No aspecto motor, o espaço ao ar livre favorece movimentos amplos, equilíbrio e coordenação - Afetivamente, a natureza promove bem-estar, reduz o estresse e fortalece vínculos familiares e comunitários - Socialmente, ela estimula a cooperação, o respeito e a empatia, pois as crianças aprendem a cuidar do ambiente e a conviver com a diversidade.

Entretanto, barreiras culturais, sociais e econômicas dificultam essa aproximação. Em grandes centros urbanos, a falta de áreas verdes, o medo da violência e a sobrecarga de compromissos familiares limitam o tempo livre das crianças. Além disso, há uma cultura escolar ainda muito centrada em ambientes fechados e em práticas conteudistas, que negligenciam o valor da experiência sensível e corporal.

As falas do documentário convergem com as teorias de Freud, Piaget e Vygotsky. O ambiente escolar pode promover experiências mais significativas ao ar livre ao incorporar práticas pedagógicas que valorizem o brincar, a exploração e a aprendizagem em contato com o mundo natural. Isso inclui hortas escolares, aulas em parques, projetos interdisciplinares com foco ambiental e momentos de escuta e

observação da natureza - Para isso, é necessário romper com a lógica do controle e da rigidez, reconhecendo que a educação acontece também fora das paredes da sala de aula.

2.4 Nunca me sonharam

O documentário "Nunca me Sonharam", dirigido por Cacau Rhoden e lançado em 2017, é uma obra de profunda sensibilidade que mergulha na realidade dos jovens, a produção revela os desafios estruturais enfrentados por esses estudantes, ao mesmo tempo em que evidencia suas potencialidades e aspirações. Para a Psicologia da Educação, trata-se de um material riquíssimo, que permite refletir sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem na adolescência, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidade social.

A narrativa do documentário é construída a partir de múltiplas vozes — estudantes, professores e especialistas — que compartilham experiências, dilemas e sonhos. Os jovens revelam suas angústias diante da evasão escolar, da precariedade das instituições de ensino, das pressões socioeconômicas e da violência urbana.

Educadores, por sua vez, expõem suas estratégias pedagógicas e o compromisso com a transformação social, enquanto especialistas contextualizam essas vivências dentro de um panorama mais amplo das políticas públicas educacionais.

A obra dialoga diretamente com teorias clássicas, a crise identitária descrita por Erik Erikson é visível nos depoimentos dos adolescentes, que buscam compreender quem são e o que desejam ser. A escola, nesse processo, aparece como espaço privilegiado para a construção da identidade, especialmente quando oferece segurança emocional e vínculos afetivos.

A perspectiva sócio-histórica de Vygotsky também se faz presente e percebe-se que o modelo bioecológico de Bronfenbrenner é essencial para entender como os diferentes sistemas — família, escola, comunidade, políticas públicas — influenciam o desenvolvimento dos jovens.

O documentário evidencia que, enquanto alguns estudantes enfrentam múltiplas barreiras sistêmicas, outros conseguem prosperar graças ao suporte adequado. A teoria de Piaget, por sua vez, ajuda a compreender a capacidade dos adolescentes de elaborar projetos de vida, mesmo quando as condições sociais limitam o exercício pleno do pensamento formal - O aspecto mais marcante da obra é a contradição entre o potencial dos jovens e as limitações impostas pelo sistema educacional.

Os relatos revelam adolescentes criativos, críticos e sonhadores, cujas trajetórias são frequentemente interrompidas por obstáculos estruturais. No entanto, o filme também mostra que, quando há investimento humano e político, é possível promover mudanças significativas - Educadores que

estabelecem vínculos afetivos e adotam práticas pedagógicas inovadoras conseguem transformar vidas, reafirmando o papel da escola como agente de desenvolvimento integral.

Portanto, é uma obra essencial para quem deseja compreender os desafios da educação pública. Ao expor as consequências das desigualdades sociais e educacionais, o documentário convoca à reflexão sobre a urgência de políticas públicas inclusivas e práticas escolares que dialoguem com a realidade dos estudantes.

Mais do que transmitir conhecimento, a educação deve ser um processo de humanização, que reconheça a dignidade e o potencial de cada jovem. Nesse sentido, as contribuições da Psicologia da Educação são fundamentais para construir uma sociedade mais justa, democrática e comprometida com o futuro de sua juventude.

2.5 Adolescência - a série

A impulsividade, característica marcante da adolescência, é retratada como uma resposta imediata à exclusão social e ao sofrimento psicológico acumulado. O personagem, pressionado por colegas e negligenciado por adultos, age sem considerar as consequências, evidenciando a fragilidade emocional típica dessa fase do desenvolvimento humano.

A violência entre pares é apresentada não apenas como agressão física, mas como um processo contínuo de humilhação, isolamento e desumanização, que se intensifica pela ausência de intervenções eficazes por parte da escola e da família - A instituição escolar, que deveria funcionar como espaço de acolhimento e proteção, revela-se omissa e punitiva, contribuindo para o agravamento do conflito.

A família, por sua vez, aparece desestruturada e emocionalmente distante, incapaz de oferecer suporte afetivo ou estabelecer vínculos seguros com o adolescente. O sistema de justiça, ao tratar o personagem como um adulto, ignora sua condição de vulnerabilidade e reforça a lógica punitivista em detrimento de abordagens restaurativas.

A série constrói uma crítica contundente aos sistemas que deveriam proteger adolescentes em sofrimento, mas que, ao contrário, operam como vetores de exclusão. Os episódios finais revelam que o ato violento não é resultado de uma variável isolada, mas da interação entre múltiplos fatores — familiares, escolares, culturais e institucionais.

Do ponto de vista psicanalítico, Freud (1923) compreende a adolescência como um período de intensificação dos conflitos psicosssexuais, em que o ego tenta mediar os impulsos do id e as exigências do superego. O personagem, ao agir de forma impulsiva e violenta, expressa uma ruptura nesse equilíbrio, revelando um ego fragilizado diante de pressões internas e externas - A ausência de escuta empática por

parte dos adultos reforça esse conflito, impedindo a elaboração simbólica das angústias que o adolescente vivencia.

Piaget (1970), ao tratar do estágio das operações formais, destaca que o adolescente desenvolve a capacidade de raciocínio hipotético-dedutivo. No entanto, o personagem demonstra dificuldade em antecipar as consequências de seus atos, o que pode ser interpretado como uma falha na mediação entre pensamento e ação, agravada por um ambiente social hostil - A escola, que deveria estimular o desenvolvimento cognitivo e moral, aparece como um espaço punitivo e excludente, limitando a construção de juízos éticos.

Vygotsky (1996) enfatiza o papel da linguagem, da interação social e da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) como elementos fundamentais para o aprendizado. O personagem, isolado e silenciado, não encontra interlocutores que o ajudem a avançar em sua ZDP. A ausência de mediação pedagógica e afetiva impede que ele internalize valores sociais e desenvolva estratégias de regulação emocional.

A terapeuta, ao tentar estabelecer esse vínculo, enfrenta barreiras institucionais que dificultam a construção de um espaço de escuta e transformação. Erikson (1968), ao abordar o estágio de identidade versus confusão de papéis, descreve a adolescência como um momento crucial para a formação da identidade - O personagem, sem referências positivas e modelos identificatórios saudáveis, mergulha em uma crise identitária profunda. A violência entre pares e a negligência familiar contribuem para a confusão de papéis, levando-o a assumir comportamentos extremos como forma de afirmação e pertencimento.

Bronfenbrenner (1996), por meio da teoria bioecológica, evidencia como os diferentes contextos — família, escola, comunidade, sistema jurídico — influenciam o desenvolvimento humano. A série expõe a falência desses sistemas, que deveriam funcionar como redes de apoio, mas operam como vetores de exclusão.

O personagem é vítima de um macrosistema que privilegia a punição em detrimento da proteção, revelando a urgência de políticas públicas integradas e sensíveis às especificidades da adolescência - A série Adolescência, portanto, configura-se como uma denúncia contundente das lacunas institucionais que afetam jovens em situação de vulnerabilidade.

2.6 Problemas e soluções

Transformar a sala de aula em um espaço de resistência pedagógica exige reconhecer os múltiplos desafios que atravessam o cotidiano escolar e enfrentá-los com práticas intencionais, críticas e humanizadoras. O artigo desenvolvido, aliado à análise dos documentários, revela um conjunto de

problemas estruturais, emocionais e pedagógicos que impactam diretamente o desenvolvimento humano e a aprendizagem dos estudantes.

Um dos principais problemas identificados é a fragilidade dos vínculos afetivos, especialmente na infância e adolescência. Muitos alunos chegam à escola sem referências seguras, o que compromete sua autoestima, sua capacidade de se relacionar e de aprender. Freud aponta que as primeiras relações são determinantes para a constituição psíquica do sujeito, e a ausência de afeto pode gerar bloqueios emocionais duradouros.

A solução real para esse problema passa pela criação de rotinas de acolhimento, escuta ativa e construção de vínculos entre professores e alunos. A sala de aula precisa ser um espaço onde o estudante se sinta visto, ouvido e respeitado.

Outro problema recorrente é a predominância de práticas escolares conteudistas e descontextualizadas, que ignoram a realidade dos alunos e suas formas de aprender. Piaget defende que o conhecimento se constrói pela ação, e Vygotsky reforça que o desenvolvimento ocorre por meio da mediação social - No entanto, muitas escolas ainda operam com metodologias rígidas, que não estimulam a participação ativa dos estudantes.

Para transformar esse cenário, é necessário incorporar metodologias ativas, como projetos interdisciplinares, análise de documentários, atividades ao ar livre e rodas de conversa, que promovam a construção coletiva do conhecimento e o protagonismo estudantil.

A desigualdade social também aparece como um obstáculo central. Os documentários mostram que a pobreza, a violência urbana e a falta de acesso a espaços seguros afetam diretamente o desenvolvimento infantil e juvenil. Bronfenbrenner, com sua teoria bioecológica, evidencia como o macrosistema influencia todos os demais níveis do desenvolvimento.

A escola, nesse contexto, precisa atuar como rede de proteção, articulando-se com políticas públicas, serviços de saúde e assistência social para garantir suporte integral aos estudantes. A resistência pedagógica se concretiza quando o professor reconhece essas vulnerabilidades e adapta suas práticas para acolher e potencializar cada aluno.

A ausência de escuta empática e de mediação qualificada é outro ponto crítico. A série “Adolescência” mostra como a falta de interlocutores disponíveis para os jovens pode agravar conflitos emocionais e comportamentais. Erikson destaca que a adolescência é um período de construção da identidade, e Vygotsky aponta que o avanço na Zona de Desenvolvimento Proximal depende da mediação - A solução está na formação continuada dos educadores, que devem ser preparados para lidar com questões socioemocionais, mediar conflitos e promover ambientes de escuta e diálogo.

Além disso, a desconexão entre escola, família e comunidade dificulta a construção de redes de apoio. A resistência pedagógica exige que a escola se abra para o território, valorize os saberes locais e promova ações que envolvam os responsáveis, fortalecendo a corresponsabilidade no processo educativo - A valorização do brincar e do contato com a natureza, como mostrado em “O Começo da Vida 2”, também é fundamental. O ambiente natural favorece o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social, e deve ser incorporado às práticas escolares.

Por fim, a sala de aula se torna um espaço de resistência quando rompe com a lógica da reprodução e assume a educação como prática de liberdade. Isso exige coragem para questionar, sensibilidade para acolher e compromisso para transformar - A resistência pedagógica não está apenas na denúncia dos problemas, mas na construção cotidiana de alternativas que afirmem o direito de aprender, de existir e de sonhar.

3. CONCLUSÃO

A partir da articulação entre os fundamentos teóricos da Psicologia da Educação, os conteúdos abordados na disciplina e as análises dos documentários e séries estudados, torna-se evidente que o processo educativo vai muito além da transmissão de conteúdos. Educar é compreender o sujeito em sua totalidade - A sala de aula, nesse sentido, deve ser ressignificada como espaço de resistência pedagógica, onde se promove acolhimento, escuta, diálogo e práticas que valorizem a experiência e a singularidade de cada estudante.

Os desafios enfrentados - como a fragilidade dos vínculos afetivos, a rigidez metodológica, a desigualdade social, a ausência de escuta empática e a desconexão entre escola e comunidade - exigem respostas concretas e sensíveis. As soluções apontadas ao longo do artigo, como a adoção de metodologias ativas, o fortalecimento da mediação pedagógica, a valorização do brincar e do contato com a natureza, e o investimento na formação docente, mostram que é possível construir uma educação mais justa, inclusiva e transformadora.

Conclui-se, portanto, que a Psicologia da Educação oferece ferramentas essenciais para compreender e intervir na realidade escolar de forma crítica e humanizadora. Ao integrar teoria e prática, o educador se torna agente de mudança, capaz de transformar a sala de aula em um território de emancipação, onde o direito de aprender se concretiza e onde cada sujeito é reconhecido em sua potência - Educar, nesse contexto, é resistir - e resistir é cuidar, transformar e acreditar no futuro.

REFERÊNCIAS

- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva Uni, 2023. Recurso online.
- BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano. Porto Alegre: ArtMed, 1996.
- CARRARA, Kester; DONGO MONTTOYA, Adrian Oscar (Coord.). Introdução à psicologia da educação: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.
- CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Ática, 2004.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. Psicologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- D'AUREA-TARDELI, Denise. Formadores da criança e do jovem: interfaces da comunidade escolar. São Paulo: Cengage Learning, 2014. Recurso online.
- ERIKSON, Erik H. Infância e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- ESTANISLAU, Gustavo M. Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: ArtMed, 2014. Recurso online.
- ESTEVES, Estela Renner (Direção). O começo da vida. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2016. Documentário.
- ESTEVES, Estela Renner (Direção). O começo da vida 2: lá fora. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2020. Documentário.
- FREUD, Sigmund. O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago, 1923.
- PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques; ROSSATO, Geovanio (Org.). Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Contexto, 2014.
- RHODEN, Cacau (Direção). Nunca me sonharam. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2017. Documentário.
- SANTROCK, John W. Psicologia educacional. Porto Alegre: ArtMed, 2010. Recurso online.
- THORNE, Jack; GRAHAM, Stephen. Adolescência. Direção de Philip Barantini. Reino Unido: Netflix, 2025. Episódios 1 e 2.
- THORNE, Jack; GRAHAM, Stephen. Adolescência. Direção de Philip Barantini. Reino Unido: Netflix, 2025. Episódios 3 e 4.
- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1996.